

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE GEMOLOGIA**

USOS E SENTIDOS DAS JOIAS DE AXÉ NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

CÉLIO VAGO FARIAS

Vitória

2019

CÉLIO VAGO FARIAS

USOS E SENTIDOS DAS JOIAS DE AXÉ NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Trabalho de conclusão II, do Curso de Bacharelado em gemologia, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Professor Orientador: Kelly Chistiny da Costa.

Período: Fevereiro a Julho de 2019.

Vitória

2019

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	4
2.	Metodologia.....	6
3.	A ourivesaria Africana.....	7
4.	A confecção das Joias de Axé.....	12
5.	Conclusão.....	21
6.	Bibliografia.....	23

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo estudar o design das joias de axé afro-brasileiro. A importância dos povos africanos e sua inestimável contribuição na ourivesaria brasileira, pois quando esses indivíduos aqui chegaram trouxeram conhecimentos na arte de fundir e confeccionar joias em metais como o ouro, a prata, e o bronze, dentre outros metais.

O design africano nos remete a um período colonial marcado de intenso sofrimento e ao mesmo tempo de muita resistência. Os negros, mesmo escravizados mantiveram vivas suas raízes culturais, sendo que coube às grandes matriarcas a transmissão e os ensinamentos através da oralidade. É importante observar que todo conhecimento das tradições ao culto dos orixás se faz presente no design das joias de candomblé (DOS SANTOS, 2006).

“os fios-de-conta (ilequês), como diz o próprio nome, são contas enfiadas em fios. Convencionalmente feitos de palha-da-costa, foram depois substituídos pelo cordão de algodão e mais recentemente pelo náilon. [...] Desempenham inúmeros papéis nos cultos afro-brasileiros. As contas dependendo das cores identificam os deuses, assim como a forma como são utilizadas associam seu usuário às divindades em termos de filiação mítica ou laços de devoção. Determinados tipos de colares, apontam também funções ou cargos sociais do seu portador.” (GASPAR, p: 01; 2013)

Os fios-de-contas marca primordial das joias dos santos africanos, são elementos de referência religiosa além de dar ao indivíduo certa posição social, que marca o compromisso ético e cultural do povo de santo. É um objeto que contribuiu para a manutenção da memória das ancestralidades africanas e seu uso cotidiano situa publicamente o indivíduo na comunidade do terreiro de axé (CUNHA; MILZ, 2011).

Foi por meio das baianas que utilizaram os fios de contas como elemento de identificação de suas crenças e assim puderam reunir nações que se encontravam espalhadas pelo Brasil a fora que. As joias de axé revelam a tradição, além de identificar à qual família ancestral o indivíduo pertence. Observa-se ainda que nos terreiros cada orixá possui suas joias características e são elas que ajudam na identificação dos santos orixás (TEIXEIRA, 2011).

É importante ressaltar que os negros africanos desembarcaram em terras brasileiras desnudos de seus pertences, trazendo com eles o conhecimento que reunia suas tradições culturais e religiosas. Para Teixeira (2011) estes conhecimentos culturais foram transmitidos através da oralidade e das experiências dos mais velhos. Muitos se devem às grandes matriarcas nas casas de Candomblés a transmissão desses conhecimentos. Nessas casas a organização hierárquica é mantida e cada membro tem sua importância dentro do terreiro de axé.

“Um ponto relevante no estudo da joalheria brasileira e em especial daquela de uso e representação da cultura africana e afro-brasileira está justamente no controle do Estado na época do Brasil colônia, ditando a visualidade do homem europeu, do negro, crioulo, cabra, mulato e indígena. As condições sociais e econômicas já impõem um elenco de bens materiais que identificam a ao mesmo tempo rotulam indivíduos e grupos em diferentes faixas na sociedade complexa” (DA MOTTA LODY, p: 42; 2001).

Dado o exposto, delineou-se como objetivo geral dessa pesquisa conhecer os aspectos culturais e sociais da utilização das joias religiosa e suas funções nos terreiros de Candomblés assim como sua influência na cultura afro-brasileira.

Esta pesquisa encontra-se organizada em cinco Seções. A primeira contempla uma abordagem teórico-conceitual subjacente ao presente trabalho e apresenta uma introdução à temática abordada, definindo e situando os objetos de estudo para a compreensão do leitor.

A segunda Seção trata da metodologia utilizada no estudo, detalhando desde a elaboração teórica à análise e à socialização dos dados, de caráter qualitativo e exploratório em virtude do foco e da ênfase abordados na pesquisa. Por tratar-se de uma temática bastante abrangente, priorizamos abordar os princípios do design da ourivesaria africana através de pesquisa bibliográfica, utilizando obras de autores conceituados, com enfoque na vida social, na cultural e na funcionalidade das joias nas casas de candomblé.

A terceira Seção reflete sobre a ourivesaria Africana, e sua funcionalidade. Na quarta Seção, discorremos sobre as confecções das joias e sua contribuição cultural. Por fim, a quinta e última Seção apresenta as conclusões do trabalho.

Assim, acreditamos promover reflexões que podem apoiar o processo educacional, visando à Educação formal e informal e à sua contribuição na construção da cidadania.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, como referência o design africano e sua influenciou na formação cultural afro-brasileiro, através de obras bibliográfica e empírica, expondo uma reflexão que traga elementos que contribua para o entendimento da relação sociocultural e visando romper com preconceitos pré-existente em relação ao design das joias de axé.

Apontando aqui dados e referências de pesquisas de autores conceituados que ajudem a contribuir com a cultura afro-brasileira e quebrar paradigmas em relação às joias utilizadas pelos seguidores a religião africana. As funcionalidades destas joias nas casas de axé que remonta uma identidade cultural a qual a casa pertence, além de marcar a posição social a qual o individuo faz parte na casa de candomblé.

Para a revisão bibliográfica, foram consultadas produções acadêmicas em bancos de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outros acervos. Para tanto, foram utilizados alguns descritores como, VERGER, P. Notícias da Bahia (1850); TEIXEIRA, Amanda Gatinho. Poder, simbolismo, religiosidade e misticismo: um estudo da joia balangandã. Revista Tucunduba, n. 2, (2011). Foram encontradas produções qualitativas, no que se refere à temática.

Assim, encontraram-se autores que contribuíram para o referencial teórico concernente à História da Arte, como BELLANI, A (2005); referente Joias-Inspiradas-na-Cultura, como Da Motta Lody, R. G. (1988) Pencas de balangandãs da Bahia: um estudo etnográfico das joias-amuletos; como R. G. (2001) Joias de Axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo.

Bertrand Brasil enfim, entre outros referenciais teóricos, ainda aquele alusivo ao estudo de base à pesquisa e que ajudaram a construção de ideias e da elaboração

de conceitos e de quebra de paradigmas em relação a utilização e do sentido das joias religiosas e assim como sua funcionalidade nos terreiros de axé.

3 A OURIVESARIA AFRICANA

A Cultura africana influenciou mais do que a culinária, religião, costumes e língua no Brasil. A moda também se inspirou na cultura africana, onde, reflete a identidade de um povo e para representar uma cultura miscigenada como a brasileira, a moda afro-brasileira traz elementos de ambas as culturas em suas vestimentas e penteados. Os negros africanos são proibidos de usarem roupas e joias de design utilizadas pelos senhores e senhoras da casa grande encontraram oportunidades e uma maneira de adaptar suas tradições com novos elementos. Assim os negros passaram confeccionar e a utilizar suas próprias joias, remetendo as tradições de sua pátria (BELLANI,2017).

Foto 01: Joias de Crioula



Foto: Jomar Lima

<http://jomarlima.com.br/portfolio/joias-de-crioula/>

A África possui uma longa tradição têxtil e os tecidos, feitos à mão em teares e tingidos em grandes potes de barro com ervas naturais, tem suas estampas e cores não apenas para a decoração, adornos e os tecido africanos falam com cada estampa e motivos representam um nome, um provérbio, contam histórias de relações familiares da comunidade e da realeza. De acordo com Bellani (2017) esses padrões e cores foram assimilados à cultura brasileira, de modo que se encontra vestidos, saias, túnicas, lenços inspirados nos temas africanos.

Além da vestimenta, os penteados inspirados no continente africano são muito apreciados pelos brasileiros. Os cabelos trançados juntos à cabeça e os dread locks são os penteados mais vistos no Brasil, seja em homens ou mulheres. Os adereços como pulseiras, colares e brincos usam elementos da natureza como pedras, cocos, sementes, madeiras entre outros (BELLANI, 2017).

Um adereço importantíssimo para completar o traje é o turbante. Chamado de Gele, que significa "pano amarrado à cabeça", é amarrado de diversas maneiras para criar diferentes efeitos e formas. O resultado das combinações de cores e formas é impressionante.

O design de joias de Axé tem uma forte contribuição no desenvolvimento da cultura que se mantém viva no Brasil, onde se dá a o fenômeno da aculturação africano-brasileiro-europeu, no design, juntando elementos próprios da África com elementos típicos da cultura portuguesa, que se misturam com elementos indígenas brasileiros (QUERINO; DA MOTTA LODY, 1988).

FOTO 02: Joias do Deserto por Thereza Collor



Fotos: Helô Valverde

FOTO 03: Joias de crioula



Pencas de balangandãs são exemplos de joias usadas por negras libertas no século XVIII (Foto: Angeluci Figueiredo/Arquivo CORREIO)

É indiscutível a presença em quantidade e diversidade de culturas africanas na Bahia. [...] A primeira questão está na convivência de diversos modelos culturais africanos, e cada um deles detém tecnologias próprias, umas ligadas à fundição de metais, outras ao ferro batido, aos entalhes em madeira, à modelagem no barro, fiação, tecelagem, tinturaria e vidraçaria (DA MOTTA LODY, p: 25 e 26; 2001).

Foto 04: Mãe Carmem Terreiro do Gantois



<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/diversos-artistas-vaio-gravar-um-cd-em-homenagem-a-mae-carmem/>

Foto 05: Mãe Stella de Oxóssi do Ilê Axé Opó Ofunjá



Fonte: <<https://soteropolitanosculturaafro.wordpress.com/2008/09/16/identidade-ancestral/>>.

No candomblé tudo tem um sentido, os gestos, os cantos de invocação aos ancestrais, à indumentária, como podemos ver na figura 01, os paramentos de cabeça dos orixás, as joias de axé o toque dos atabaques, as cores tanto dos paramentos, como das joias são fundamentais para a cerimonia ritualística aos santos e para a identificação da nação pertencente a casa (Ilê), que pode ser de Nação Ketu, Nação Angola, Nação Jeje/ Jejê ou Djedje e entre outras. Tudo isso é reconhecido pelas joias, e indumentárias e paramentos de uso dos orixás (TEIXEIRA, 2011).

Na indumentária, os panos vistosos, as saias rodadas, os chalés da Costa, os braceletes, argolões, das mulheres têm procedência nigeriana. E outras influências muçulmanas, como a rodilha ou turbante, angola-conguenses, como missangas e barangandãs, vêm completar a figura típica da bahiana, hoje tão popular no Brasil inteiro. (RAMOS, p. 293; 1946)

Isso se faz presente principalmente nas baianas na cidade de Salvador, onde a presença marcante dos negros se sobressai, tornando-se assim uma referência para o mundo. De forma criativa as baianas resgataram os trajes de gala, como as roupas das baianas, como os panos da costa, os ojás e fios-de-contas, peças importante para a religião. Essa adaptação fez com que os negros vivenciassem suas crenças.

Embora conhecedores das tecnologias africanas, seus resultados materiais e funções sociais todos ficaram submetidos a uma estética de dominação, contudo transgredida pela ação e memórias étnicas como base para a criação dos utensílios da cozinha, das roupas, dos instrumentos musicais, dos pejis (santuários), das pinturas corporais do laô, dos fios-de-contas, dos panos-da-costa, num diverso elemento material incluído no religioso (DA MOTTA LODY, p: 26; 2001).

As negras regradas de usar os mesmos objetos utilizados pelas senhoras da casa grande surgem com seus conhecimentos aos ritos no candomblé, resgatando as tradições das ancestralidades ao culto dos Orixás, como as danças, roupas, joias, fios-de-contas, brincos, pulseiras, braçadeiras, tornozeleiras e quelês, além dos alimentos ao culto dos santos nos terreiros.

Foto 06: Fotografias do Acervo lançado em São Francisco do Conde no dia 02/02/2016 Egbonmy Irene de Oxum da Muribeca-SFC

Rito litúrgico em homenagem a Oxum



Fonte: <http://benssanagana.blogspot.com.br/2016/02/mae-berenice-de-ogum-sfc-sede.html>

Sendo assim, para Querino; Da Motta Lody, (1988) a transmissão dos conhecimentos e das tradições aos rituais litúrgicos aos Orixás é feito pelos Seladores de santos é ele que mante toda a organização social dentro do Ilê (casa) de axé conforme a figura 02. A hierarquia muitas vezes é reconhecida pelos fios-de-contas utilizadas, assim como é através deles que sabemos a qual santo o laô, ou o Ilê pertence. O selador transmite o conhecimento, e delega os membros as suas funções dentro do ilê, assim temos os responsáveis pelo alimento dos santos, os responsáveis pela confecção das joias, e entre outras funções. As Joias são feitas pelos filhos de Ogum, o orixá que domina a arte de fundir o metal, e outros elementos.

Dentro desse caráter civilizador, Ogum é patrono de um saber fundamental que vai das tecnologias com barro, a pedra e a madeira ao domínio dos metais. Ele inspira artesãos e guerreiros para a conquista e principalmente a mudança (DA MOTTA LODY, p: 15 e 16, 2001).

4 A CONFECÇÃO DAS JOIAS DE AXÉ

Na ourivesaria africana muito dos materiais utilizados na confecção das joias de axé tem um significado, assim como as cores das contas muitas vezes feitas de sementes, madeiras, ouro, prata, corais, vidros, cobre, bronze, palha, búzios e fios de Náilon, como apresenta a figura 03. Todos esses materiais são usados na produção das joias e nos utensílios litúrgicos aos Orixás (QUERINO; DA MOTTA LODY,1988), seguindo um ritual próprio as joias são confeccionadas por ourives especializados na produção destes objetos, determinados pelos zeladores dos santos, obedecendo assim todos os preceitos e cuidados a elaboração das joias.

Os fios-de-contas são, como o próprio nome diz, contas enfiadas em cordões ou fios de náilon. Convencionalmente eram enfiadas na palha-da-costa que, em etapa posterior, foi substituída pelo cordão feito de algodão e, recentemente, pelo náilon. As cores e tipos de materiais que formam cada fio-de-contas variam conforme a intenção, podendo marcar hierarquia, situações especiais, uso cotidiano, além de identificar os deuses (DA MOTTA LODY, p: 33, 2001).

Foto 07: Joias de Axé utilizadas pelos Babalorixas



Fonte: <<https://soteropolitanosculturaafro.wordpress.com/2008/09/16/identidade-ancestral/>>

Muitas joias usadas foram acrescentadas de elementos sagrados católicos ao design dos santos nas casas de axé, assim como a cruz, medalhas dos santos, juntando com matérias características dos santos de axé como as figas feitas de madeiras, palhas da costa trançadas, búzios entre outros materiais importantes para a produção das joias (FACTUM, 2015).

O uso das joias obedece a uma organização hierárquica que deve ser respeitada por cada membro, de acordo com as obrigações dadas aos santos que seguem dos iniciantes, passando pelos iniciantes, e chegando até os que realizaram suas obrigações de sete ou mais anos de feitura, seguindo um processo de crescimento a casa de axé (HARDMAN, 2016).

A utilização das joias diz muito sobre sua presença na casa, além de esclarecer por meio da identificação a que cargo faz parte cada indivíduo, assim como seu lugar na hierarquia no terreiro. Para Da Motta Lody (2001) os fios-de-contas, ocorrendo ainda ferro, búzios e palha-da-costa, dispostos em forma de gargantilha, marcando os períodos de iniciação religiosa ou de obrigações que implicam passagens no poder social do candomblé.

Um detalhe muito importante deve ser observado na confecção das joias das africanas que chegaram à Bahia: todas eram originas. Essas joias eram confeccionadas em ouro, prata num período colonial que tinha um significado de status, tanto para os senhores de escravos, quanto para as negras alforriadas. Joias como os brincos, braceletes, fios-de-contas, corais, búzios e marfins vindos da África entrelaçados em ouro ou prata davam um toque de originalidade na produção destas joias (CUNHA; MILZ, 2011).

Além das indumentárias com os trajes típicos das loalorixas (mães de santos) e Babalorixas (pais de santos), nas casas de candomblés na Bahia, a junção destes elementos ocorre por meio da aculturação que se faz muito consistente nos primeiros momentos da colonização.

[...] Colares e contas grandes sob as rendas do corpete; no alto do braço esquerdo um grande bracelete de ouro; nos punhos, braceletes de contas de ouro e búzios da Costa da África; nas orelhas brincos de ouro ou pendants de coral. Em seguida vem os balangandãs, uma espécie de argola de prata pendurada numa corrente do mesmo metal, chegando até a metade das costas. Diversos amuletos aí estão presos... [...] (VERGER, p.222)

As joias confeccionadas em ouro, prata no período colonial brasileiro traduziam o status de poder. Muitas escravas libertas costumavam se enfeitar com joias extremamente exuberantes, que remetia à tradição africana e a utilização dessas joias funcionava como elemento de reconhecimento e representação do orixá. Além dos designs africanos servirem de reconhecimento e elemento de ligação aos adeptos da religião, também serviam de unificar nações que se espalharam pelo Brasil (DOS SANTOS; 2006).

Foto 08: Correntão feito com contas confeitadas e pendente em forma de cruz de raios.



Fonte: Amanda Gatinho Teixeira 2014.

Para as peças exuberantes eram exibidas principalmente pelas mulheres que desfilavam pelas ruas e praças com seus tabuleiros de quitutes, enfeitadas com seus vários fios-de-contas, brincos, pulseiras, braceletes, tornozeleiras e quelês, todos representativos às culturas dos orixás, conforme a figura 04. Segundo Da Motta Lody (2001) o fio-de-contas é emblema social e religioso que marca um compromisso ético e cultural entre o homem e o santo. É um objeto de uso cotidiano, público, situando o indivíduo na sociedade do terreiro [...].

Além do ouro e da prata outros materiais eram utilizados na confecção das joias, como os vidros, cerâmicas, dentes de animais, corais, ossos, marfim, latão, bronze, miçangas africanas. Atualmente muitas joias são produzidas com elementos substitutos, como o plástico, sendo que há uma grande variação de formato destas peças que podem ser arredondadas, em forma de canudinhos, quadradas entre outros (HARDMAN, 2015).

De acordo com Hardman (2015) para a construção desses objetos existe uma mão de obra especializada. São os ferramenteiros ou ferramenteiros de santo, os criadores da joalheria afro-brasileira, responsáveis pelas peças usadas nas cerimônias públicas dos cultos afro-brasileiros por todo o país.

Um fator importante na construção destas joias é a presença marcante da aculturação afro-brasileiro-europeia. Devido à grande pressão sofrida pelo cristianismo, principalmente da Igreja Católica no período colonial, muitos elementos

como a cruz, medalhas com imagens de santos católicos, como São Jorge, são Cosme e Damião, entre outros, foram sendo incorporadas na joalheria crioula afro-brasileira, que ganhava grande destaque na utilização junto com o traje de gala das famosas roupas das baianas, estas joias eram exibidas com grandes volumes e quantidade em seu uso (DA MOTTA LODY, 2001).

Foto 09: Joia de Crioula



Fonte:< <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/joias-de-crioula-contam-historias-e-inspiram-novos-designers/>>

Sendo assim, Da Motta Lody (2001), a chamada joalheria crioula afro-brasileira sofreu um ajuste em estilo, apoiado a caracterização da mulher africana, mulata ou crioula no Brasil, como mostra a figura 05. O ourives ao executar o design elaborado para o axé tem que possuir necessariamente grande conhecimento do orixá do qual está confeccionando as joias, pois cada orixá tem sua especificidade e características próprias que lhe confere detalhes diferenciados como podemos observar nas figuras 06 e 07.

E são estas diferenciações que o design tem que se mostrarem atentas e em sintonia com os pais e mães de santos, pois é fundamental haver parceria entre os envolvidos. Os detalhes das peças partem das escolhas dos materiais a serem usados. Um dos detalhes se refere às cores de cada peça, elementos fundamentais que correspondem a cada axé para Bellani (2017).

[...] As Joias de Axé eram detalhadamente trabalhadas por pessoas escolhidas pelos pais e mães de Santo das Giras, estes enquanto incorporados sentiam as pessoas que mais tinham energia e as colocavam para trabalhar com os fios-de-contas (BELLANI, 2017).

O candomblé segue todo o ritual litúrgico voltado para os Orixás. O ritual litúrgico determina o processo na casa se axé por meio do Babalorixá e da yolorixa que tem função de coordenar o rito para que os santos orixás possam desenvolver suas danças ritualísticas. Assim, todos os gestos e movimento durante a dança revelam os feitos de cada orixá e é através de suas danças que eles transmitem seus poderes e suas características próprias.

Segundo Da Motta Lody:

"Diferentes rituais iniciáticos fazem com que os indivíduos assumam compromissos com o sagrado, no caso com o terreiro de candomblé, que entre as etapas da chegar à iniciação plena indica a lavagem de contas como um elo ético introdutório da futura feitura – recolhimento, depilação, série de longos e complexos rituais que levam de um a três meses e ainda outro período de resguardo de até um ano, variando do tipo de feitura e a Nação que é seguida pelo noviço, iaô". (DA MOTTA LODY, 2010).

Foto 10: Joias de crioula do acervo do museu Carlos Costa Pinto, Salvador (BA).



Fonte: http://www.infojoia.com.br/news_portal/noticia_10040

Foto 11: Detalhe de pulseira de placa, em que as placas centrais, confeccionadas com ouro estampado, são unidas por alianças entrelaçadas.



Fonte: CUNHA; MILZ, 2011, p.76.

Como podemos observar nas figuras 08 e 09, o reconhecimento do orixá ocorre por meio dos paramentos, de suas vestimentas, das cores de suas roupas, das cores de suas joias, e através das músicas e toque do atabaque, que é puxada pelos Ogans, de acordo com, Bellani (2005).

“Cada orixá, além de ter funções distintas e poderes específicos condizentes com seus traços de personalidade, conta também com símbolos particulares, por exemplo, as roupas, as cores das roupas e das contas, determinados objetos, adereços batidas de atabaque e canções características, bebidas e alimentos, sem falar dos animais sacrificados próprios de cada orixá” (Bellani, 2005).

Foto 12: Orixá guerreira: Iansã



Fonte: <https://sniffloggy.com/user/orixasladoalado/8425758886>

Foto 13: Orixá: a senhora do Ouro Oxum e do amor



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxum>

As joias assumem sua funcionalidade e ganha sentido de identidade marcando assim a nação, a comunidade pertencente todos os indivíduos que venha a pertencer à casa de axé, assim quando passado pelos rituais de iniciação a feitura da iaô (noviço) ao santo pertencente até sua saída, onde é celebrado em grande festa de apresentação aos convidados e o convidado reconhece o orixá caracterizando-os pelos trajes das indumentárias aos paramentos e a Joia correspondente a determinado santo (HARDMAN, 2015).

FOTO 14: Maria Bethânia: Filha de Iansã



FOTO: Jorge Bispo

De acordo com Factum (2015) as joias de axé, que antes eram feitas em ouro, prata, marfim, peças de cerâmicas, coral e vidros vindas da África, hoje vem sendo substituídos por contas de imitações, muito vai pelas questões sociais de muitas iaôs, e o auto preço as peças originais e pela própria segurança das casas de candomblés, onde podemos observar está mudança no design das joias de axé.

[...] O grande motivo do uso das contas falsas é o de manter uma estética ritual religiosa com objetivos de baixo valor financeiro. É evidente o conhecimento de que não apenas a cor e o formato aproximados dos originais funcionarão na sua plenitude simbólica e funcional.” (DA MOTTA LODY, p: 83, 2001).

CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho respondeu a minhas expectativas, pois os autores pesquisados serviram de auxílio e ajudou a esclarecer as duvidas e assim trazer elementos fundamentais para a compreensão dos sentidos e das funcionalidades das Joias de axé, e na sua importância no design brasileiro.

A ourivesaria de axé trouxe expressiva contribuição para a formação da cultura brasileira, servindo de elemento agregador das diferentes culturas que se misturam no Brasil. Ao design das joias dos santos africanos se juntaram as tradições cristãs europeias e indígenas, fato esse que contribuiu para perpetuar de resistência contra os preconceitos às tradições africanas. A utilização das joias remete às suas raízes culturais, ao mesmo tempo em que mantém viva as suas tradições.

Os fios-de-conta, braceletes, brincos, quelês é joias confeccionadas de diversas matérias como marfins, prata, ouro, madeira, couro, latão, osso, plástico, vidros dentre outros, contribuíram imensamente para a diversidade dos designs de joias brasileiras. A simples utilização destas peças determina o status entre os povos de axé, pois estas joias para além da marca social e religiosa, definir um compromisso junto aos orixás.

As joias axés têm características marcantes de ética e responsabilidade do indivíduo para com o santo. Portanto, desde o mais simples cargos chegando ao zelador dos santos (Babalorixa), todos utilizam os fios-de-contas como elemento de identificação com o Orixá ao qual pertence. As joias, no entanto, são construídas com muito zelo por pessoas especializadas na confecção das peças.

Os ferramenteiros de santo são os criadores dos designs da joalheria de candomblés. As joias confeccionadas por eles são usadas em cerimônias tanto

públicas quanto privadas em momentos de celebração litúrgicas nas casas de candomblés em todo o Brasil.

Concluo este trabalho deixando aqui uma provocação para outras pesquisas voltadas para a quebra de paradigmas referente às tradições religiosas afro-brasileiras. Assim como o próprio design das joias de axé, com também uma possível pesquisa referente à ritualidade dos cultos de candomblé, a educação e a oralidade como elemento de transmissão das tradições dos cultos aos santos africanos.

REFERÊNCIAS

BELLANI, A. **JOIAS-INSPIRADAS-NA-CULTURA.pdf** (2005). <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2013/05/>. Acesso em 14 de novembro de 2017.

CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. **Joias de crioula**. Editora Terceiro Nome, 2011.

DA MOTTA LODY, R. G. **Pencas de balangandãs da Bahia**: um estudo etnográfico das joias-amuletos. Museu Carlos Costa Pinto, 1988.

_____, R. G. **Joias de Axé**: fios-de-contas e outros adornos do corpo. Bertrand Brasil, 2001.

_____, R. G. **O povo do santo**: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. WMF Martins Fontes, 2006.

DOS SANTOS, C. H. R. **Consumindo o candomblé**: estudo sobre a comunicação dos objetos dessacralizados e trocas sógnicas na pós-modernidade. 2006.

FACTUM, A. B. S. História do Design no Brasil: contribuição negra. **Estudos em Design**, v. 18, n. 2, 2015.

HARDMAN, Aline Souza et al. **Pencas de balangandãs**: construção histórica, visual e social das "crioulas" no século XIX. 2015.

GASPAR, L. (27 de junho de 2013). http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=973%3Ajoalheria-religiosa-afro-brasileira&catid=45%3Aletra-j&Itemid=1. Acesso em 15 de outubro de 2017, disponível em Joalheria religiosa afro-brasileira.

RAMOS, A. **As Culturas Negras no Mundo**: O Negro Brasileiro. Companhia Editora Nacional. 2º edição - Ampliada. 1946.

QUERINO, M; DA MOTTA LODY, R. G. **Costumes africanos no Brasil**. Fundação Joaquim Nabuco, 1988.

TEIXEIRA, Amanda Gatinho. **Poder, simbolismo, religiosidade e misticismo**: um estudo da joia balangandã. Revista Tucunduba, n. 2, 2011.

VERGER, P. Notícias da Bahia – 1850. Salvador: Corrupio, 1981.